

CERÂMICAS QUINHENTISTAS VIDRADAS DE UM POÇO MEDIEVAL DA PRAÇA DA FIGUEIRA (LISBOA)

Ana Isabel Barradas¹, Rodrigo Banha da Silva²

RESUMO

O Hospital Real de Todos-Os-Santos é tema de frequente publicação e investigações em múltiplas vertentes, destacando-se-lhe a relevância histórica, o papel chave para a evolução das práticas médico-terapêuticas portuguesas da Época da Expansão, mas também as estruturas e materiais arqueológicos recuperados em sucessivas ocasiões, entre 1960 e 2001. No presente estudo abordou-se um conjunto seleccionado de cerâmicas recolhidas num contexto fechado datado da Época Moderna, equivalente ao enchimento de um poço ovalado medieval das «Hortas de S.Domingos», depois integrado no tardóz do Hospital. O estudo aborda as cerâmicas vidradas de origem regional, as suas respectivas evidências de produção, e são também abordadas as produções portuguesas como as “faianças”. No que respeita às produções forâneas assinala-se a ocorrência de majólica italiana e de variadas elaborações sevilhanas.

Palavras-chave: Lisboa, Hospital Real de Todos-Os-Santos, Praça da Figueira, Cerâmicas Modernas, Arqueologia Moderna.

ABSTRACT

Hospital Real de Todos-Os-Santos was the subject for various publications and researches in several areas, highlighting its historical relevance, the key role for the evolution of the Portuguese medical-therapeutic practices in the Age of European Expansion, but also the structures and archaeological materials recovered on successive occasions between 1960 and 2001. The present paper approaches a set of selected ceramics recovered from a closed context dating from the 16th c. A.D., equivalent to the filling of a medieval oval well belonging to the vegetable-garden of the Dominican Convent, later reused by the hospital. The study deals with glazed ceramics of regional origin, and their respective evidences of production, and also approached the portuguese productions, namely “Portuguese faience”. Foreign productions are also documented by Italian majolica and various Sevillian elaborations.

Keywords: Lisbon, Hospital Real de Todos-Os-Santos, Praça da Figueira, Ceramics, 16th century.

1. INTRODUÇÃO

Em 2017 a Câmara Municipal de Lisboa, através do seu Departamento de Património Cultural / Direcção Municipal de Cultura, lançou o novo projecto de investigação e divulgação cultural dedicado ao Hospital Real de Todos-Os-Santos, numa parceria com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, através do CHAM – Centro de Humanidades.

Ambas as instituições procuram potenciar as suas valências instaladas, e congregar outras instituições para a iniciativa. O presente trabalho surge, portanto, como uma das iniciativas a decorrer no âmbito da estratégia de convergência dedicada ao Hospital Real, procurando explorar a informação inédita à guarda do CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa (CML) no quadro de iniciativas académicas e de investigação da FCSH.

1. FCSH – UNL; ana_isabel.ab@hotmail.com

2. CHAM – FCSH / UNL e CAL / CML; rbds@fcs.unl.pt

2. A ORIGEM DO HOSPITAL E AS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA PRAÇA DA FIGUEIRA

O Hospital Real de Todos-os-Santos foi construído a partir de 1492 por decisão do D. João II, ao tentar fundar um estabelecimento de inspiração renascentista, baseando-se em exemplos da Itália. Um dos objectivos era também o de centralizar os serviços hospitalares e de assistência em Lisboa, o que consequentemente levou ao encerramento de hospitais de menor dimensão (CARMONA, 1954: 160). Com a aprovação do Papa Inocêncio VIII, as obras estavam supostamente adiantadas em 1495 (SALGADO, 2015: 63-65). Todavia, o essencial da construção teve lugar somente com o monarca seguinte, D. Manuel I, e o testemunho presencial de Jan Taccoen Van Zillebeke em 1514 indicia que embora funcional, os trabalhos de construção decorriam ainda nesta data (STOLS, 2015).

O local escolhido para a sua construção foi o antigo espaço de cerca conventual que pertencera ao Convento de S. Domingos, localizada no lado oriental do Rossio. A escolha deste considerou as suas características de fácil escoamento e acesso a águas (BARGÃO, 2015: 3). O complexo estaria operacional já cerca de 1502.

Segundo as fontes manuscritas, a arquitectura do Hospital Real de Todos-Os-Santos era constituída a partir de uma planta cruciforme, com a cruz rodeada por quatro claustros, tendo cada um deles um poço ao centro. Esta forma de planta foi inspirada nos modelos hospitalares italianos, como os de Siena e Florença (SALGADO, 2015: 63).

Semelhante aos modelos italianos também foi construída uma igreja no edifício, com o altar-mór central ao complexo, com o intuito de os doentes puderem ouvir a missa, mesmo estando nas camas das enfermarias. A fachada do hospital era de estilo manuelino, tendo uma escadaria de nove degraus que dava a acesso à Igreja de Todos-Os-Santos. A este propósito, a escadaria, aparentemente já não a original, foi uma das primeiras descobertas arqueológicas relativas ao hospital, feita durante obras num restaurante perto do Rossio, em 1957.

Em 1530, no reinado de D. João III, a administração do hospital cometia aos religiosos que chefiavam a congregação de S. João Evangelista para, no ano de 1564, ser entregue à Misericórdia de Lisboa pelo regente Cardeal D. Henrique (CARMONA, 1954:

251). Em 1601 sofreu um incêndio que destruiu o interior da igreja. Mais tarde, no ano de 1750, ocorreu nova tragédia pelo fogo, que afectou fortemente as dependências do hospital. Planeou-se realizar remodelações nas zonas mais destruídas, mas as obras nunca chegaram a ocorrer devido ao grande terramoto de 1755.

O hospital funcionou até ao séc. XVIII, após ter sofrido alterações arquitectónicas devido às catástrofes de 1755 (LEITE 1993: 6). Acaba por encerrar numa decisão tomada em 1769, articulada com o desenvolvimento do plano pombalino de reconstruir a cidade de Lisboa, sendo demolido e utilizado como pedreira para outras construções a partir de 1770-1773 (BOAVIDA, 2012:135).

A Praça da Figueira foi um sítio alvo de intervenções arqueológicas, sendo a primeira intervenção em 1960 pela olisipógrafa Irisalva Moita, com o objectivo de salvar a informação do remanescente do Hospital a afectar pela instalação da estação do metro do Rossio na Praça da Figueira. As ruínas foram alvo de escavação arqueológica que demorou aproximadamente um mês, acarretando a suspensão das obras. Foi posta a descoberto a fachada, um dos quatro claustros e uma secção ampla do cano real de S. Domingos (LEITE, 2010: 25-27). Esta intervenção marcou o desenvolvimento do interesse e desejo de protecção de achados arqueológicos na cidade de Lisboa.

Só em 1999/2001 ocorre a segunda grande intervenção arqueológica na Praça da Figueira, que foi uma das grandes escavações realizadas pelo antigo Museu da Cidade. Motivada pela construção de um parque de estacionamento, inserido num projecto de reabilitação e requalificação do espaço urbano do Rossio e Praça da Figueira, a fase inicial da obra não foi supervisionada por arqueólogo (SILVA; RODRIGUES, 2015: 1; BARGÃO, 2015:12).

3. CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO

A intervenção arqueológica de 1999/2000 adotou uma metodologia mista de escavação, em que se privilegiou a “open area” preconizada por Barker-Harris, mas adaptando aos condicionalismos do terreno e à formação dos escavadores, pelo que foi utilizada uma malha quadriculada de 5 x 5 m para referência espacial e pontualmente também realizado o registo vertical de unidades estratigráficas (BARGÃO, 2015: 13-14).

O poço oval em estudo foi identificado na zona

NE da intervenção. De construção baixo medieval, situava-se na quadrícula T₁, na zona do tardóz do edifício hospitalar.

A sua estrutura é estratigraficamente referenciada como UEs [1524] e [1522], tem paralelo exacto num outro similar, localizado em K₃. Contudo, a dinâmica do poço de T₁ difere deste pela sua dinâmica: ao passo que K₃ foi anulado na etapa inicial do Hospital, T₁ permaneceu a uso por detrás do muro primitivo das traseiras do complexo, mas viria a ser anulado por uma campanha de ampliação que o anulou, sendo desmantelado por um novo muro da fachada do tardóz, que se lhe sobrepôs.

O poço apresenta uma forma oval, erguido com blocos de forma rectangular de padrão de construção regular unidas por um ligante de argamassa esbranquiçada rica em cal, muito dura e heterogénea. É suportado por estacas de madeira incorporadas na fachada lateral ao poço. O seu topo setentrional foi cerceado pela implantação da parede de contenção periférica do parque de estacionamento, mas é possível restituir um diâmetro maior na ordem dos 2,10 m. O seu diâmetro menor era de 1,26 m.

Por razões de segurança (risco de colapso) a totalidade do interior não foi integralmente escavada, tendo-se exumado arqueologicamente o seu preenchimento até entre as cotas absolutas c. 7,00 m e 4,80 m., e posteriormente identificado o limite inferior à cota 4,34 m.

Verificou-se que o seu interior fôra preenchido com uma única UE, [1523], como também intrusões provocadas pela obra, nomeadamente bolsas de bentonite (betão em calda, que fôra injectado a alta pressão pela obra). [1523] equivalia a um depósito composto por um sedimento heterogéneo, de coloração castanha escura, matriz areno argilosa, medianamente compacto, com abundantes inclusões de cerâmica de construção e comum (abundante), pedra de pequena dimensão, “picos” de carvão e pequenos nódulos de argamassa.

A homogeneidade e elevada potência da UE [1523], superior a 2,60 m, sugerem um momento formação único, resultante de uma acção curta no tempo, que lemos como de entulhamento deliberado do poço após a sua desuncionalização. Trata-se, por consequência, de um contexto fechado, sincrónico, relacionável com uma profunda reformulação do edifício hospitalar na sua parte traseira (Figura 1).

4. QUANTIFICAÇÃO DA CULTURA MATERIAL DO POÇO T₁

O poço T₁ é constituído por contexto arqueológico material com um total de 5930 de número máximo de indivíduos e 2648 de número mínimo de indivíduos (NMI).

A cerâmica comum é o grupo que apresenta a maior percentagem de NMI com 2077 indivíduos (78,3%), seguida da cerâmica fina com 343 (13%). A cerâmica comum vidrada apresenta 128 (4,9%), os materiais de construção com 34 (1,3%) e seguidos pela faiança portuguesa que tem 17 (0,6%). O primeiro grupo identificado de cerâmica forânea são as produções de Sevilha 10 (0,4%), seguidas dos fragmentos de vidro 9 (0,3%) e as produções de majólica italiana 8 (0,3%). Os grupos cerâmicos com menor percentagens é o da cerâmica “pedrada” com 7 (0,3%), seguida pela porcelana chinesa 6 (0,3%) e por último dois elementos distintos em terracota de estatuária religiosa (0,03%). Foram identificados 7 (0,3%) de indeterminados (Gráfico 1).

Na composição geral há a destacar alguns elementos especialmente significantes para a leitura funcional dos processos de formação da UE: por um lado, a importância do contingente de fragmentos de alcatruz, relacionáveis com o poço propriamente dito; em sentido vincadamente oposto, a presença de elementos de estatuária religiosa descartada, certamente relacionável com espaços especialmente simbólicos então desactivados. Neste último sentido, aliás, não deixa de ser sugestiva a circunstância de a iconografia se reportar a frades franciscanos, ordem que abandona a administração do Hospital Real de Todos-Os-Santos em 1563.

De toda a cultura material presente em [1523] foi seleccionada para a presente apresentação a cerâmica vidrada, local/regional e importada, como os vestígios associados à sua produção, que se apresentam categorizadas aqui de forma “clássica”:

4.1. Cerâmica comum vidrada regional

Esta produção de olaria portuguesa, foi produzida desde do final do séc. XV e inícios do séc. XVI. Este séc. é apontado como o início do seu apogeu, dedicada a recipientes destinados à confecção de alimentos e também à armazenagem. Destaca-se uma progressiva expansão desta produção durante o séc. XVI, com algumas produções que ainda poderiam perdurar no séc. XVII (OSÓRIO; SILVA 1995: 290).

O conjunto de cerâmicas comuns vidradas na sua maioria apresentam pastas vermelhas semelhantes às pastas da cerâmica comum, factor que pode indicar que ambos os grupos seriam produzidos nas mesmas olarias da região de Lisboa, como aconteceria noutras regiões do país, como no Algarve, Coimbra e Aveiro. Nos exemplos que vão ser abordados neste artigo, foram identificadas três pastas: a primeira, que apresenta uma maior percentagem, é constituída por uma pasta oxidante de cor vermelha (Mussell 5R 5/16) dura com elementos não plásticos finos sendo quartzos e micas. A segunda é uma pasta oxidante de cor castanho-vermelho (Mussell 5 YR 7/6) dura com micas brancas muito finas. É reconhecida uma única pasta redutora de cor cinza escura (Munsell 7,5YR 4/1) dura com micas brancas. O vidrado exterior este era conseguido através da utilização dos óxidos alcalinos que vitrificam com a exposição a altas temperaturas, pretendendo-se a impermeabilização da peça (OLIVEIRA, 2012: 23). O vidrado é variado, sendo o verde e amarelo mediano os tons mais utilizados. Existem algumas peças com a mesma cor em ambas as superfícies, no entanto, verifica-se sobretudo uma alternância da superfície interior e exterior. Em casos específicos, como o dos alguidares, que só surge vidrado verde na superfície interior.

O grupo com maior NMI é ligado ao serviço de mesa. Estes recipientes tinham o intuito de servir à mesa líquidos ou alimentos, tendo sido reconhecida a *taça* (PFOO/1578-375), de bordo de orientação exvertida e espessamento redondo para o exterior, pé alto anelar. Neste âmbito funcional também a *tigela* (PFOO/1578-439), mais delicada, de bordo orientado para o exterior e espessamento redondo. Ambas encerram paralelos em contextos datados do Porto, dos séc. XV-XVI (ÓSORIO; SILVA, 1995: 287-290 e 302).

Outra forma que também teria uma presença na mesa era o *prato*. Deste tipo de peça (PFOO/1578-308) um fragmento apresenta um fundo com pé, morfologicamente maioritário nestes pratos vidrados, tendo 7 cm de diâmetro. Encerra paralelo no Convento velho de S. Domingos em Coimbra, onde se estimaram datações entre o séc. XVI e os inícios do séc. XVII (ALMEIDA, 2012: 487).

Neste grupo também se inclui uma forma cuja função é conter líquidos, o *púcaro* (PFOO/2743-130), no caso com bordo recto, de espessamento redondo interno.

Por último temos o *servidor* (PFOO/2742-110), de bordo direito com espessamento em aba para o exterior. Esta peça também fazia parte do serviço de mesa, tendo-se na intervenção arqueológica do antigo convento de São Francisco em Lisboa, na sua cisterna do séc. XVI, exumado um paralelo cuja datação foi estimada para o terceiro quartel do séc. XVI. (TORRES, 2011: 48-49).

A respeito das formas de armazenamento, foi encontrada uma única forma, o *pote*. Este apresenta-se com vidrado a verde manchado de amarelo na superfície exterior e bordo direito com espessamento para o exterior e bisel externo, variando entre 10 e 11 cm de diâmetro. Distinguimos duas variantes definidas pela forma de colocação das duas asas de fita: *A1* (PFOO/1614-133), horizontal, e *A2* (PFOO/1572-36), vertical.

A respeito a paralelos a subvariante *A1* obteve paralelo de pasta e morfológico com um pote vidrado a verde de perfil completo que foi escavado no Convento da Nossa Senhora da Piedade, Cascais cujo espólio é datável de 1600 a 1625 e a nível funcional é indicado que esta forma serviria para guardar mel ou outras conservas (CARDOSO; RODRIGUES, 1999: 196 e 210).

Por último, o *alguidar*, objecto multifuncional empregue na preparação e confecção de alimentos, como na higiene. Esta peça aberta (PFOO/2734-117) é constituída por um bordo de orientação exvertida, com espessamento redondo para o exterior. Encontraram-se paralelos formais com fragmento de alguidar escavado na escavação no Beco dos Inválidos, em Cascais, datável do 2º e 3º quartel do séc. XVI (1528-1578) (CARDOSO; RODRIGUES, 1999: 200) (Figura 2).

4.2. Evidências de produção da cerâmica comum vidrada

Em Portugal são conhecidos vários fornos oleiros de cerâmica comum vidrada, dentro dos quais, o forno da Mata da Machada é um dos mais conhecidos pelo facto de ter sido o primeiro do séc. XV-XVI a ser alvo de intervenção arqueológica, em 1982-83. A actividade desta estrutura durou cerca de 80 anos, entre 1450-1530 (TORRES, 1982:127).

Foram identificadas duas trempes fragmentadas, sendo uma (PFOO/Trem-1578-2) mais fina, com espessura de 1,2 cm, de cor cinza clara, podendo estar associada à produção de faiança ou cerâmica fina. Esta teve paralelo formal na intervenção arqueoló-

gica do largo de Jesus, em Lisboa, que mostrou um elevado número de trempes finas provenientes de uma oficina oleira situada no local datado do séc. XVI/XVII (SANTOS, 2007: 387). No entanto a segunda trempe (PFOO/Trem-1578-1) apresenta características de ser da produção de cerâmica comum vidrada, na sua superfície exterior é observável escorrimentos de vidro verde e amarelo, apresentando uma espessura de 2,1 cm. Estas características indicam que esta trempe tenha sido utilizada várias vezes para suportar grandes peças cerâmicas como os alguidares e potes vidrados durante a cozedura. Relativamente aos defeitos de produção foi identificado um fragmento de bordo de alguidar (PFOO/1611-50) incorporado num resto de forno, pode-se observar que durante o processo de cozedura houve uma fractura do bordo, em consequência um escorrimento do vidro verde para a fractura do colo da peça.

Os restantes vestígios de produção são concentrações de cerâmica e escorrimentos de vidro de tonalidade verde escura e amarelo escuro, este conjunto forma pequenos “blocos” de cerâmica vidrada.

4.3. Faiança

No séc. XVI surgem as primeiras referências da produção de faiança em Portugal, as formas iniciais foram produzidas a branco sem qualquer decoração, sendo influenciadas nas formas espanholas que na época eram bastante comuns no quotidiano português (TORRES, 2011: 53-57). Em Lisboa a produção de faiança foi iniciada por volta do segundo quartel do séc. XVI pelos malegieiros de loiça branca residentes na capital, consequentemente originando o incremento desta produção (SOUSA, 2011: 221-222). No poço T1 foram encontrados fragmentos de faiança de dois tipos de pasta, a primeira é composta por uma pasta oxidante de cor castanha avermelhada (M 7,5YR 6/4) dura com micas brancas, quartzo, e existência de óxidos de cor vermelha. A segunda apresenta uma pasta oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 9/6) de tendência porosa, com elementos não plásticos finos de óxidos de ferro vermelho e micas. Esta segunda pasta é classificada como de origem lisboeta. Os fabricos são lisos, esmaltados a branco ou creme, desprovidos de qualquer tipo de decoração.

O grupo da faiança portuguesa destaca-se variadas formas como os pratos, tigelas, especieiro e taça com carena. Sendo as formas associadas ao serviço

de mesa sendo o seu objectivo servir ou conter alimentação, caldos ou especiarias.

A *tigela*, mostra-se em duas variantes. A (PFOO/1578-373) é de bordo exvertido, com espessado redondo para o exterior e diâmetro em torno dos 12 cm, mas no caso o fragmento está deformado devido ao facto de outro bordo de tigela estar fundido no colo, o que ocorreu durante a cozedura das duas peças, sendo muito provável que esta peça nunca tenha sido utilizada. Este pormenor confirma o modo de produção da faiança, com a colocação de “torres” de peças a cozer. A variante B (PFOO/1572-41) é de bordo exvertido mas de espessamento interno em bisel, e diâmetro de 14 cm.

A respeito dos paralelos formais, a variante B encontra-se em contextos do antigo convento de S. António, em Lisboa, sugerindo uma datação do séc. XVI, que pode perdurar ainda no séc. XVII (TORRES, 2011: 334).

A *taça com carena* surge com 1 NMI (PFOO/1614-97), apresentando bordo de orientação exvertida e espessamento redondo para o exterior e carena pouco acusada. Do prato, no contexto [1523] assinalaram-se 3 NMI, um deles (PFOO/1608-113) de bordo exvertido e espessamento redondo para o exterior. O prato pode apresentar duas variantes a partir do tipo de fundo, em anel ou pé alto, também em anel.

Por último foi reconhecido o *especieiro* (PFOO/8/06-73) morfologia associada ao serviço de especiarias e condimentos à mesa, por vezes mencionado como *salseira*. Apresenta um fundo em disco plano e decoração esmaltada a branco na superfície interna, mas, todavia, na superfície exterior apresenta escorrimento do esmalte branco (Figura 3).

4.4. Cerâmicas esmaltadas de Sevilha

No séc. XVI a região de Sevilha ganhou um lugar de destaque a nível comercial da cerâmica, passando a ser um dos principais portos comerciais de Castela. Este desenvolvimento económico provem do facto destas produções terem acompanhado as necessidades materiais e humanas do séc. XVI (SOUSA, 2012: 799).

As produções de cerâmica branca de Sevilha tiveram especial relevância nos séc. XV e XVI, chegando algumas produções ao séc. XVII. Este tipo de cerâmica poderá também ter sido produzido em Portugal, especificamente em Lisboa e no Algarve, devido à chegada de oleiros da Andaluzia (GOMES, GOMES, 1996: 158-160).

No contexto do poço T1 foi detectada uma única pasta, oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/4), dura, com elementos não plásticos finos. A decoração dos fragmentos é variada tendo quatro variações sendo azul/branca, verde, esmaltado a branco e esmalte branco com linhas azuis concêntricas no bordo.

Verificou-se uma maior percentagem de cerâmicas cuja funcionalidade é de serviço de mesa, constituída pelas formas de prato, escudela e taça.

Foi reconhecido um prato (PFOO/2742-64) que apresenta um bordo de orientação exvertida, de espessamento redondo para o exterior, com 21 cm de diâmetro. O fundo é em ônfalo e o esmalte é claro e em ambas as superfícies. No poço de Silves, no Algarve, entalhado nos finais do séc. XVI, foram encontrados estes pratos e datados do séc. XVI (GOMES; GOMES, 1996: 161-162).

Foi identificado outro *prato* (PFOO/1578-460) com o mesmo bordo indicado a cima, mas a decoração é constituída por duas linhas de cor azul ao longo do bordo, sendo uma variante decorativa. A respeito desta forma foi-lhe atribuída vários paralelos formais e decorativos, um deles no edifício do Museu Neo Realismo, em Vila Franca de Xira (MENDES; PIMENTA, 2008: 73), no poço SE do claustro do Hospital Real de Todos os Santos que foi datado da segunda metade do séc. XVI (BARGÃO, 2015: 291) e na Rua António Maria Eusébio em Setúbal, contexto com materiais do séc. XIV a XVII (SILVA; SOARES; DUARTE, 2004: 151). Todos os contextos arqueológicos indicam que esta produção sevilhana é datada do séc. XVI.

A segunda forma mais representativa no serviço de mesa é a *taça* (PFOO/1578-443), esta forma apresenta um bordo de orientação exvertida, com espessamento redondo para o exterior.

Uma das formas características das produções sevilhanas é a *escudela* (PFOO/1572-2), esta apresenta um bordo de orientação recta, de tipo de espessamento redondo para o exterior e asa horizontal decorativa. Esmaltada a claro em ambas superfícies e com vestígios de manchas castanhas na superfície interior. Identificado um paralelo com uma escudela escavada no antigo palácio da família Côrte-Real, largo perto do Cais do Sodré em Lisboa, cujo espólio exumado varia entre o séc. XV-XVI sendo o contexto necessariamente anterior a 1570 (SABROSA, 1995: 126).

A outra funcionalidade recorrente das produções de Sevilha é o armazenamento, conservação e trans-

porte de alimentos ou produtos, tendo sido identificado um *pote* (PFOO/2735-76). Um único NMI, apresenta um corpo esférico, sendo uma forma fechada. Há a ausência de bordo e do fundo, mas apresenta um arranque de asa de orientação vertical, asa de tipo fita. O revestimento é composto por esmalte azul na superfície externa e esmalte esbranquiçado na superfície interior, havendo por vezes alguns escorrimentos a azul de menor dimensão. Identificado paralelo decorativo com um fragmento de forma indeterminada devido ao seu estado de má conservação, este fragmento foi escavado na casa com porta manuelina em Machico, Madeira, contexto arqueológico indicado como do séc. XVI (SOUSA, 2011: 398).

Detectou-se entre as produções de Sevilha o *alguidar* (PFOO/1578-421), vidrado a verde na superfície interior, e de fundo plano. Ostenta os característicos vestígios de “cordão” na face externa do lábio.

4.5. Majólica italiana

A produção de majólica italiana é proveniente da Toscana, e relativamente aos contextos arqueológicos portugueses surgem produções de Deruta, Montelupo, da região de Úmbria e da Ligúria (GONZALEZ, 2012: 849).

No poço de T1 identificaram-se de produções da Ligúria, no NO da Itália, representadas por tigelas e pratos. No caso está presente a decoração *a berettino*, com o típico azul sobre azul com elementos decorativos compostos por cruzamento de linhas, elementos geométricos e fitomórficos (folhas e ramos). A outra produção detectada foi a de Montelupo, centro produtivo de grande actividade entre os finais do séc. XV até a primeira metade do séc. XVI. Esta zona era constituída por um grande porto que beneficiou a sua exportação cerâmica dentro e fora da península itálica. A decoração detectada neste contexto foi de coloração amarelo-azul com motivos decorativos em pequenos arranhões/medalhões em azul, com acrescentos de cor amarelo (SOUSA, 2011: 263 e 267-268).

A respeito do fabrico foram identificadas três tipos de pastas de majólicas: a primeira sendo uma pasta oxidante de cor bege rosa (M 5YR 8/4) dura com elementos não plásticos muito finos; a segunda com pasta oxidante de cor bege amarelada (M 5Y 8/12) de tendência rugosa com elementos não plásticos muito finos; por fim, a terceira e última pasta é oxidante de cor bege claro (M 7,5YR 8/6), textura suave, de

percentagem baixíssima de ENP porque extremamente depurada.

A forma mais representada neste contexto é o *prato*, importante elemento no grupo de cerâmica de mesa. Existe um fragmento de prato de Ligúria (PF00/8/06-94) que apresenta um bordo de orientação exvertida, tipo de espessamento redondo para o exterior, tendo 23 cm de diâmetro. Este apresenta uma decoração, como referido anteriormente, de tons de azul sobre azul cujos temas são elementos vegetativos e cruzamento de duas linhas na superfície exterior, reconhecido paralelo decorativo com um prato proveniente da escavação arqueológica do Terreiro do Trigo em Lisboa, cujos aterros do séc. XVI também reconheceram fragmentos arqueológicos de majólicas (GONZALEZ, 2012: 853).

Identificado outro fragmento de prato de Ligúria sendo um fundo de pé anelado (PF00/2734-35) constituído com elementos decorativos vegetalistas e diâmetro de fundo 8 cm.

Identificou-se um único fragmento de prato de produção originária de Montelupo, (PF00/1614-91) constituído por um bordo de orientação exvertida, de tipo espessamento redondo para o exterior, tendo 22 cm de diâmetro. A decoração é composta na superfície interior, por medalhões de cor azul preenchidos por amarelo e algumas ondulações a azul perto do bordo. Na superfície exterior não apresenta qualquer vestígios de decoração estilista só existindo a cor esbranquiçada. A respeito a paralelos decorativos foram identificados dois fragmentos de majólica de Montelupo nas escavações na Santa Casa da Misericórdia de Santa cruz na Madeira e Mosteiro de Jesus, na Ribeira Grande nos Açores, é apontado o séc. XVI para a sua datação (SOUSA, 2011: 463 e 465) (Figura 4).

5. CONCLUSÕES

O poço T1 do Hospital Real de Todos-os-Santos, de construção medieval, proporcionou uma cultura material datável maioritariamente do séc. XVI, ou de uma etapa ainda muito inicial do séc. XVII, pelo mais.

Entre o espólio recolhido e abordado neste estudo sobressai, pela sua diversidade de origens, o continente de serviço de mesa, estando presentes quer fabricos nacionais como sevilhanos e italianos, evocativos da escala-mundo quinhentista.

A maior percentagem de peças vidradas do contexto

equivale a usos de armazenamento, elemento que tem de ser colocado em relação com os conteúdos respectivos: o revestimento interior a vidro dos potes implica matérias alimentares aderentes, provavelmente mel, melaço, doces, compotas e marmeladas, sendo de notar que a morfologia do colo e a sua modelação em ressaltos discretos visava otimizar o sistema de selagem dos recipientes, feito muito provavelmente com tecido depois constrangido por corda/cordel.

Como contributo inovador do presente estudo deverão, porém, destacar-se aqui os vestígios indirectos de uma produção lisboeta de cerâmicas vidradas a verde, testemunhada por fragmentos de elementos de construção com escorrimento vidro, trempes e, o que é mais significativo, um fragmento de alguidar em pastas locais que reproduz protótipos sevilhanos. No mesmo sentido concorre um exemplar de tigela em faiança com o bordo de uma outra fundido ao seu corpo, indicador seguro de produção, e peça que será provavelmente um rejeitado de fabrico. Estes dados compaginados associam, pela primeira vez, o espaço hospitalar ao fabrico de cerâmica, muito embora de forma indirecta, razão pela qual o dado deverá ser lido com as maiores cautelas.

O universo cerâmico do poço T1, com excepção dos alcatruzes, encontra paralelo muito próximo no conjunto cerâmico quinhentista do poço SO do claustro NO do Hospital Real de Todos-Os-Santos (BARGÃO, 2015). Relembre-se que já para essa zona se haviam assinalado evidências de profundas reformas do claustro, coincidentes com a definição do horizonte cronológico em T1. Os dados assumem-se, portanto, da maior importância para o conhecimento da dinâmica do edifício, pois determinam o provável âmbito temporal da profunda reforma sofrida no tardoz do complexo, revelada pelos trabalhos arqueológicos de 1999-2001.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Sara; SILVA, Ricardo; DIAS, Vítor; PERPÉTUO, João (2012) – O lugar da Torre dos Sinos (Convento Velho de S. Domingos) Coimbra. Notas para o estudo da formação dos terrenos de aluvião, em época moderna. In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António. Volume I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, pp. 483-488.

- BARGÃO, André (2015) – *Evidências do Quotidiano no Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa: os contextos do poço SE do Claustro NE*. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- BOAVIDA, Carlos (2012) – Espólio Vítreo de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa, Portugal). In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António. Volume I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, pp. 135-139.
- CARMONA, Mário (1954) – *O Hospital Real de Todos os Santos da Cidade de Lisboa*. Lisboa.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves. *Xelb*. Silves: Museu Municipal de Arqueologia Câmara Municipal de Silves. Nº3, pp. 143-205.
- GONZALEZ, Cristina (2012) – Majólicas italianas do Terreiro do trigo (Lisboa). In *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Coord. TEIXEIRA, André; BETTENCOURT, José António. Volume II. Lisboa: Centro de História de Além-Mar e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, pp. 847-854.
- LEITE, Ana Cristina; PEREIRA, P. (1993) – *Hospital Real de Todos-os-Santos: séculos XV a XVIII*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- LEITE, Ana Cristina (2010-2013) – Irisalva Moita, e a Arqueologia em Lisboa. In *Rossio, estudos de Lisboa*. N.º 1. Lisboa: Gabinete de Estudos Olissiponenses. pp. 24-31.
- MENDES, Henrique; PIMENTA, João (2008) – *Contexto Quinhentista das escavações do Museu do Neo Realismo*. Vila Franca: Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Coleção de Arqueologia.
- OLIVEIRA, Filipe Alexandre (2012) – *Espólio de Idade Moderna, proviniente do Beco das Barrelas, Alfama, Lisboa*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Dissertação de Mestrado em Arqueologia.
- OSÓRIO, Marcos; SILVA, A. (1995) – Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto. *Actas das 2.ª jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 283-314.
- SABROSA, Armando (1995) – As Faianças da Casa côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa. In *Actas das 2.ª jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 109-142.
- SALGADO, Anastácia (2015) – *O Hospital de Todos-os-Santos, Assistência à pobreza em Portugal no século XVI para o Brasil, Índia e Japão*. Lisboa: By the book.
- SANTOS, Maria João (2007) – “Largo de Jesus: contributo para a história incógnita de Lisboa antiga”. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 10, Nº 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 381-399.
- SILVA, Rodrigo Banha da; RODRIGUES, A. F. (2015) – Cerâmicas finas barrocas de um contexto de finais do séc. XVII – inícios do Séc. XVIII de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa). *Estudos e Relatórios de arqueologia*. 1, Lisboa: Tagana.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; DUARTE, Susana (2004) – Preexistência de Setúbal Intervenção Arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85 – 87. In *Musa Museus, arqueologia e outros patrimónios*. Vol 1. Setúbal: Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, pp. 137-152.
- SOUSA, Élvio (2011) – *Ilhas de Arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores: (séculos XV-XVII)*. Dissertação de mestrado apresentada na universidade de Lisboa. Cópia policopiada. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- STOLS, E.; FONSECA, J.; MANHAEGHE, S. (2015) – Lisboa em 1514 O relato de Jan Taccoen van Zillebeke. In *Cadernos de Cultura* nº8. Lisboa: Centro de História da Cultura.
- TORRES, Joana (2011) – *Quotidianos no convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: UNL-FCSH.

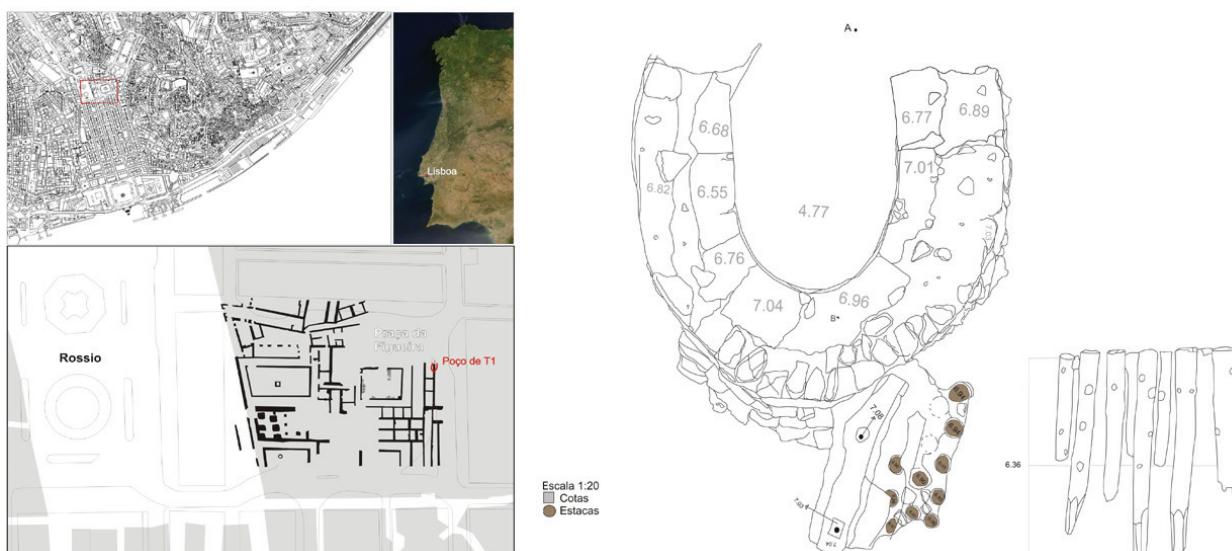


Figura 1 – Localização, desenho do poço e respectivas cotas.

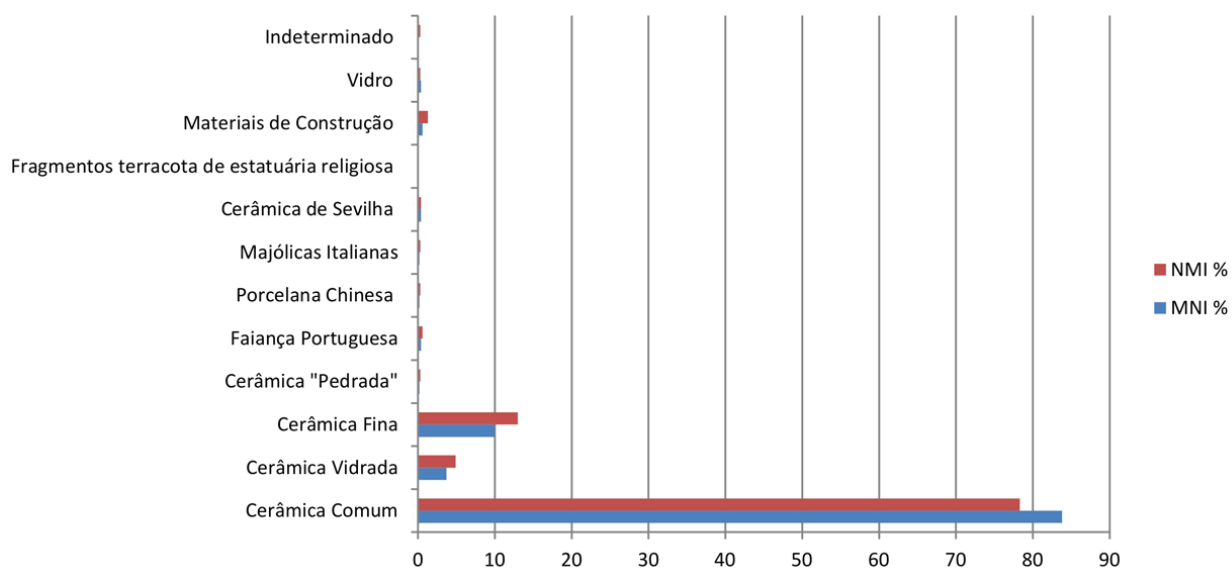


Gráfico 1 – Quantificação geral da cultura material do poço T1 do Hospital Real de Todos-os-Santos.

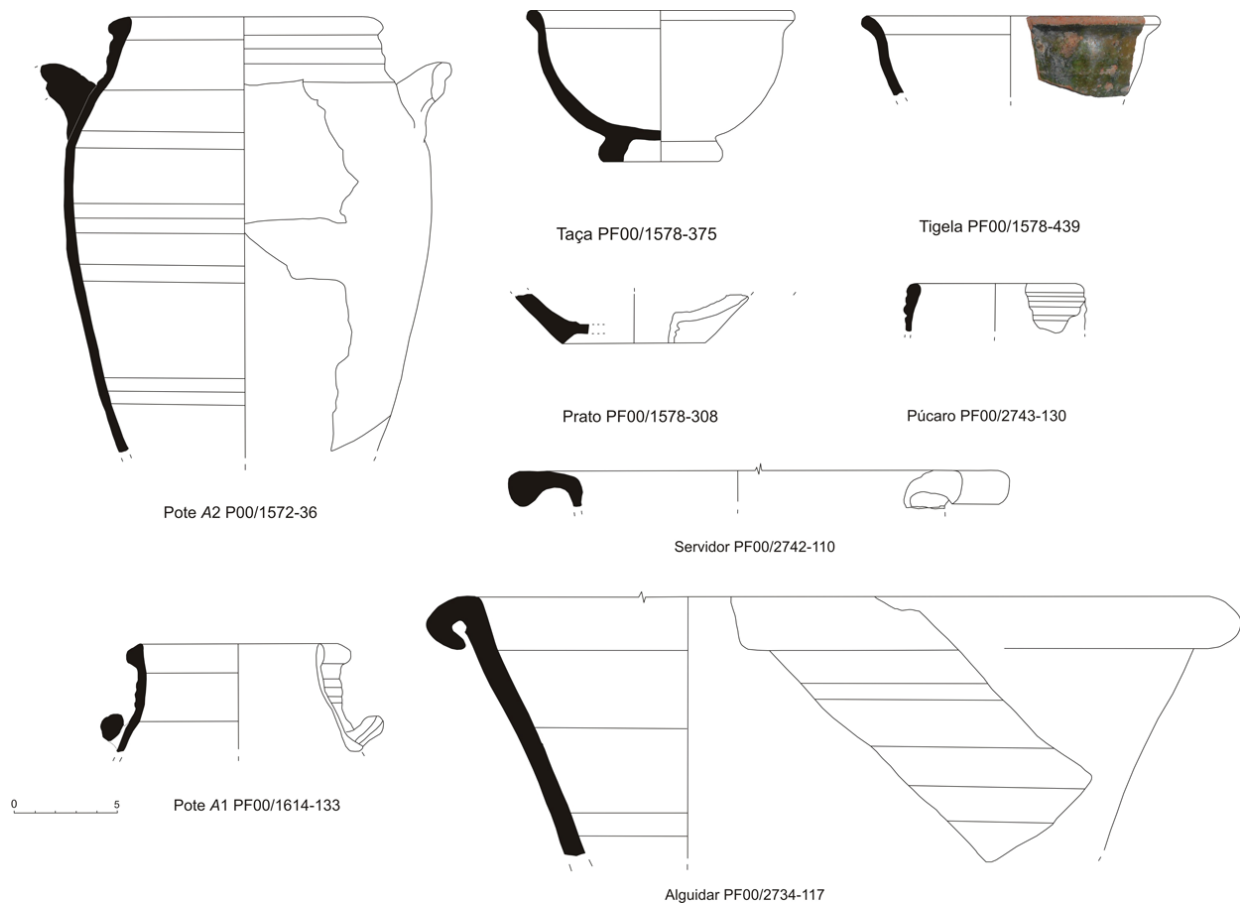


Figura 2 – Estampa I – Cerâmica comum vidrada.

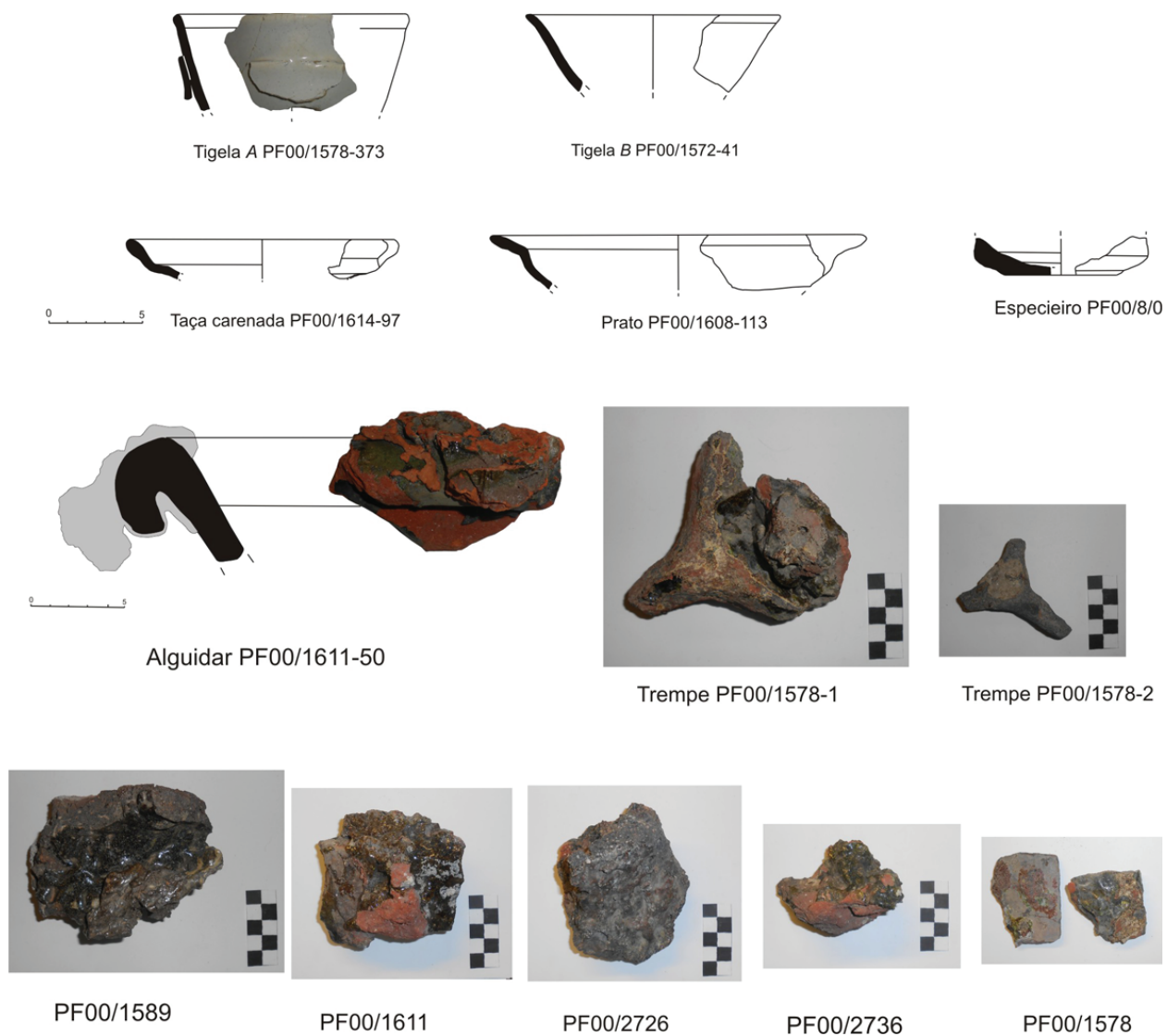


Figura 3 – Estampa II – Faiença portuguesa e evidências de produção da cerâmica comum vidrada.

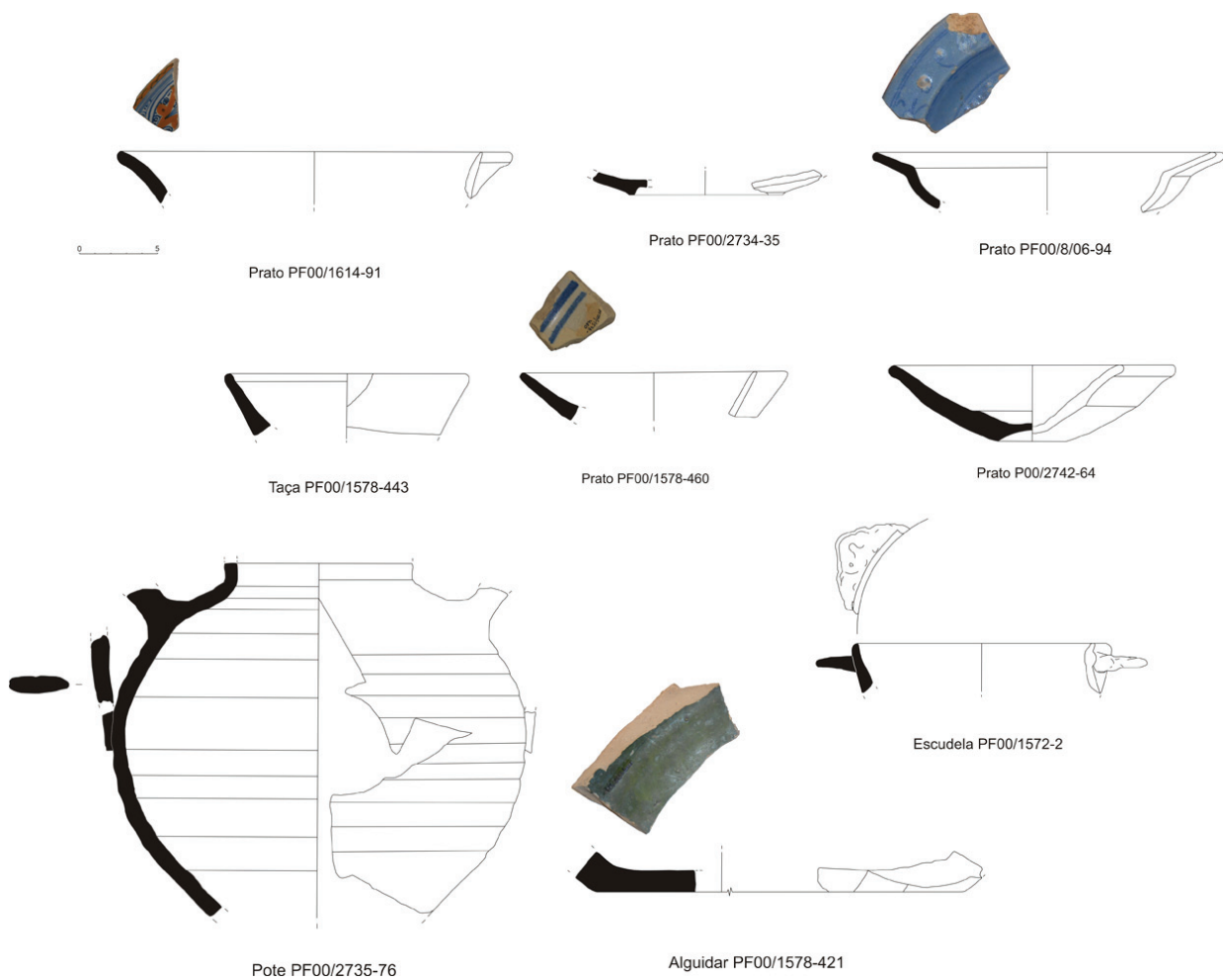


Figura 4 – Estampa III – Produções forâneas de Sevilha e Itália.